

O Cávado

Exmo. Sr.
Pro. Carlos de Oliveira Martins
Delegado Escolar
ESPANHA



PORTE
PAGO

27 DE JANEIRO DE 1977 — ANO XII — SÉRIE II — N.º 164
ASSINATURA ANUAL (52 Números) 150\$00 — NÚMERO AVULSO 3\$00

FUNDADO POR JOÃO AMANDIO
SEMANARIO — AVENÇA

ESTRANGEIRO (pagamento adiantado): via normal, 384\$00; por avião, 440\$00. ESPANHA, AFRICA (ex-portuguesa) e BRASIL, 254\$00.

Uma Carta

de Mouzinho de Albuquerque!...

Os homens do poder julgam-se, salvas raras e honrosas excepções, omniscientes e onnipotentes. Se na ditadura esses atributos residem no Ditador, na democracia residem no partido do Governo. Pelo menos, quando a democracia se começa a praticar.

E, quando a trombeta da fama se impõe, ou a conveniência da situação pessoal o recomenda, então esses homens criam nos colaboradores uma subversão conflagradora, sempre desnecessária.

Não tivemos pelo menos um Vice-Rei que pediu ao cronista que badalasse os sinos da fama com persistência e coragem?

Uma outra característica dos homens de mando é a de não gostarem de ouvir os demais. Não aceitam conselhos. Julgam que perdem autoridade ou revelam incompetência.

Em política cada qual tem-se como a primeira revelação e, assim, anda-se a recomençar continuamente, pois sem o selo da invenção pessoal e da iniciativa própria não há trabalho que desponte com a garantia do êxito...

O mal vem de longe, e o pior dos males é ninguém querer aprender as lições da História.

Se nos reportarmos aos problemas do Ultramar, desde o sistema monárquico ao republicano e, neste, à primeira ou segunda república, como agora se diz, ou ao período salazarista, todos os governantes enfermarão do mesmo defeito: o passado não contou para qualquer deles.

Em carta, sem data, de Mousinho de Albuquerque, ao Bispo Conde, de Coimbra, lê-se: «Nas suas cartas

(Continua na 7.ª pág.)

CABAZ DE COMPRAS

Viver com quem e a que preço é a grande preocupação do povo português neste momento. É isto o que interessa ao povo nesta sua luta pela sobrevivência física. De palavras andamos nós to-

dos saturados. De palavras de bem-dizer. De palavras de mal-dizer. De palavras ocas e sem sentido prático. De palavras usadas como estupefacientes, traduzindo utopias em que o espírito se

recreia enquanto o corpo é alimentado a um nível decente, estamos perfeitamente saturados.

Agora começam a brilhar no horizonte da nossa liberdade as nuvens negras do seu preço. Agora começa a poder avaliar-se, na incerteza dos dias de amanhã, o que teremos de pagar em sacrifícios de austeridade imposta o «curso universitário de liberdade» em que temos vivido após a revolução. E agora também começamos a pensar se não será ruïnosa a factura que temos de pagar.

E, por isso, agora se exigem obras mais do que palavras. As obras que não se fizeram, as promessas que não foram cumpridas, os programas de vida que foram esquecidos.

(Continua na 5.ª pág.)

Casa do Minho

O Embaixador do Brasil

toma parte no XV Almoço

Realiza-se no próximo domingo o XV Almoço — o Almoço Bracarense — que a Casa do Minho promove, há anos.

Este será no coração do Minho,

Braga, e no local privilegiado do Bom Jesus, no Hotel do Elevador.

Entre os numerosos participantes conta-se o Embaixador e Embaixatriz do Brasil.

Alcoolismo e Saúde Pública

A Sociedade Anti-Alcoólica Portuguesa (SAAP) pretende levar a efeito no próximo mês de Fevereiro, através dos meios de comunicação social, e outros, uma Campanha a nível nacional, contra o abuso das bebidas alcoólicas,

durante a qual se alertará a população em geral para os graves prejuízos individuais e sociais, que resultam do abuso do consumo de álcool.

A fim de ir sensibilizando a população do Distrito de Braga, e particularmente os seus representantes a qualquer nível (educacional, sanitário, administrativo, sindical, laboral, etc.), pensamos ser útil a divulgação, através da maioria dos jornais do Distrito, de alguns dados concretos, facilmente assimiláveis pelo público, directamente relacionados com o abuso do consumo de bebidas alcoólicas. Assim, embora sem estudos epidemiológicos que nos permitam uma avaliação correcta da incidência do alcoolismo, entre nós, sabe-se que:

lica permanente, mais ou menos acentuada.

2—O alcoolismo é a intoxicação mais grave e mais difundida de entre nós.

3—Portugal ocupa o 2.º lugar na Europa, no consumo de álcool por pessoa (o 1.º pertence à França), e provavelmente o primeiro, nas suas consequências.

4—O alcoolismo é responsável por 40% dos Internamentos nos Hospitais Psiquiátricos.

5—É responsável por cerca de um terço dos acidentes de trabalho e de viação.

6—É considerado uma das principais causas de morte, na Europa.

Para além destes dados objectivos, que só por si impressionam, ou deviam impressionar, os responsáveis pelo bem-estar físico

(Continua na 2.ª pág.)

«Totalitarismo democrático»

A democracia caracteriza-se pelo respeito e defesa da liberdade. Esta, quando referente ao pensamento e a sua expressão real, tem uma garantia constitucional tão nobre que a República Federal da Alemanha, no parágrafo I, do artigo 5, da sua Constituição a expressa desta forma: «Todos têm o direito de exteriorizar e difundir livremente as suas ideias através da palavra, da escrita e de imagens, e a informar-se sem entraves, usando as várias fontes acessíveis. São garantidas a liberdade de imprensa e a liberdade de informação através da rádio e do cinema. Não haverá censura».

De acordo com este preceito constitucional os partidos extremistas, como o Comunista e o Neo Nazi, têm a sua imprensa, que circula livremente.

Entre nós a Constituição consagra a liberdade.

Esta, evidentemente, é um direito e, também, um dever. Nos órgãos de informação social o dever sintetiza-se nesta afirmação: *dizer a verdade e só a verdade*. O direito correspondente será este: garantia de sobrevivência e de luta.

Quem pode temer a verdade? A UNESCO requer logo no pri-

meiro artigo dos estatutos a «livre troca de ideias através da palavra e da imagem».

Estas garantias de liberdade estão ameaçadas entre nós com recentes atitudes do Governo:

— um projecto de lei tendente a reprimir as publicações «fascistas»;

— proibição de importação de certos meios de informação; e

— a orquestração da imprensa nacionalizada verificada e denunciada, já, por políticos responsáveis.

Se do plano jurídico — o respeito pela liberdade de expressão e de informação — descemos ao das exigências formais da democracia, verificamos que esta, em Portugal é dominada por um «totalitarismo democrático».

Na democrática Itália — e já falamos da República Federal Alemã — tem existência legal o Nacional Socialismo, com os órgãos respectivos de informação.

Em democracia não se pode eliminar ninguém pela força ou pelo facto de uma maioria política.

Uma das características da democracia é o respeito às minorias.

O Governo deverá enviar o anunciado projecto de lei à Assembleia da República.

Não será já um acto anti-democrático?

É que pressupõe, por parte do Governo, que há portugueses, cuja

(Continua na 5.ª pág.)

Respeitem-se os interesses nacionais acima de todos os outros

A história repete-se e a oportunidade mantém-se.

O Doutor João Pinto Ribeiro, o principal organizador da conjuração de 1640, e uma das maiores almas do arranque patriótico redentor do 1.º de Dezembro, dizia:

«Se houver juízo em quem tiver o direito de mandar e lealdade e abnegação em quantos têm o encargo de obedecer, então não ha-

verá provações que nos desfaleçam. Esta Nação, não pode, não deve morrer por muito grandes que sejam os seus infortúnios. As suas forças retemperam-se na adversidade, como no brazido de uma forja se retempera uma barra de aço.»

E referindo-se aos Indiferentes: «Ter vergonha da nossa própria Mãe, seria um abominável ultrage, mas cruzar os braços, encostado

à ombreira da nossa própria casa, tendo lá dentro, a Mãe envelhecida e ilustre, a quem é dever acudir: seria uma desalmada cobardia. E disto é que nós devíamos de ter uma imensa e esmagadora vergonha!»

Isto era em 1640, portanto à distância de 337 anos, e parece que

(Continua na 8.ª pág.)

Sabia que...

Quem vai gerir os ex-grémios da lavoura?

Foi dado o prazo de 80 dias para as cooperativas correspondentes às antigas federações decidirem a quem pertence o património dos ex-grémios da lavoura. Se decidam ficar com os referidos bens, eleição de imediato a respectiva comissão de gestão.

É livre a participação de qualquer cooperativa agrícola no usufruto do património da ex-federação. Por outro lado, os interesses dos lavradores isolados serão salvaguardados, de modo especial em relação à recolha de leite.

Turismo social juvenil apoia estudantes finalistas

Turicoop se chama e, em 76, beneficiou cerca de 3.000 estudantes do continente com facilidades turístico-sociais na Europa e Américas.

Na Fáscoa e verão de 77, serão reforçadas operações especiais para Londres, Roma e Escandinávia, sendo também prioritário o turismo interno adentro do país com intercâmbio estudantil para Madeira e Açores.

De referir que os estudantes portugueses beneficiam, através da Turicoop, do Cartão Internacional Flyto com facilidades e descontos especiais em albergues da juventude, hotéis e restaurantes para estudantes, e campos de trabalho na Europa.

PAP — se chama ou Partido da Aliança Portuguesa

Está em formação, situando-se num espaço que vai dum centro dinâmico a uma direita democrática e pluralista, rejeitando soluções anarquistas e totalitárias.

Está em fase adiantada o processo de legalização. Propõe-se defender a propriedade privada, devendo a economia nacional ser posta ao serviço do homem. É antimonopolista e o estado terá que assegurar os meios necessários a uma existência digna para os portugueses.

Apoiará os trabalhadores e as classes médias, promovendo o equilíbrio regional. É a favor dum reforma agrária, industrial e comercial autênticas e da coordenação da política energética.

Trabalhará a favor da redução das desigualdades sociais, etc., etc., etc.

Ainda a situação no «Comércio do Porto»

Dívida acumulada: 75 mil contos, aproximadamente. A dívida a descoberto no BBI era de 8 100 contos e o último aval de 4 000 contos ficou no banco para abater à dívida.

Quanto à aquisição de papel, o BBI abriu crédito para a compra de 350 toneladas.

As nacionalizações matam os colossos... Quem viu este empório, anos atrás, livre e próspero, tem pena — imensa pena — do que está a suceder.

Também, diga-se a verdade, o diário tinha uma linha bem clara, sem equívocos. Estatizado, as circunstâncias fazem-no girar, como o galo dos torres, ao sopro dos ventos...

E quando assim sucede, a tempestade está próxima... O público recolhe-se a casa...

PS não compareceu, só PCP como de costume...

Nada menos que 307 comissões de trabalhadores, 810 delegados sindicais e 87 dirigentes sindicais reuniram na «Voz do Operário» para protestar, como de costume, contra a cotização sindical, lei dos despedimentos, alterações à lei sindical, e da contratação de trabalho, regulamentação do direito à greve e para apoio entusiástico, também como de costume, à Reforma Agrária e ao projecto de lei relativo ao controle operário, apresentado à Assembleia da República pelo PCP.

Ainda como de costume, foram convidados a assistir os grupos parlamentares do PS e PCP, mas só o último compareceu, ainda e mais uma vez, como de costume.

Gente sugere uma coisa: quando estas reuniões são feitas, como neste caso, pela Cintura Industrial de Lisboa, União dos Sindicatos, Empresas Intervencionadas, Empresas em Autogestão e Cooperativas, deveriam pôr a girar o disco previamente gravado, pois é sempre a mesma coisa...

Até nós já sabemos de cor o que se vai passar ou discutir...

LIVROS NOVOS

Boletim da Casa de Camilo Janeiro-Junho, de 1976

O movimentado período que vivemos desde 25 de Abril, de 74, fez-se sentir em toda a parte. A cultura deveria ser das principais atingidas. E assim aconteceu. Este boletim só agora retoma a actividade mas ressentindo-se do atraso verificado.

Ocupa-se, de modo especial, da passagem do 150.º aniversário do nascimento de Camilo, que decorreu entre 16-3-75 a igual data de 76.

Profusamente ilustrado, o boletim enriquece o texto, de si notável.

Benjamim Salgado dá-nos as mais importantes efemérides de Camilo, a par com o estudo do soneto «Os meus amigos», que tem sido mal o interpretado.

Cartas de Camilo — 166 — guardadas no Brasil, voltaram a Portugal em fotocópia para a Casa-Museu, tendo havido, na oportunidade, as comemorações oportunas.

Do maior interesse, «De jornada para Viana, Camilo pernitoiu em Forjães». Manuel de Boaventura escreveu o texto com a extraordinária beleza de sempre, usando o vocábulo popular, tão gracioso e pitoresco.

Em suma, uma revista, que continua a destacar o alto nível intelectual de quem tem, neste momento, a responsabilidade de a dirigir: literariamente, Benjamim Salgado e artisticamente, Amândio Silva.

Alcoolismo e Saúde Pública

(Continuação da 1.ª pág.)

mental e social das populações, não poderemos deixar de enumerar alguns outros, directa ou indirectamente relacionados com o consumo excessivo de bebidas alcoólicas, e que, embora não contabilizados, representarão, no seu conjunto, um «mal» bem pior ainda, para o indivíduo, para o seu agregado familiar, e para a Sociedade. Refiro-me particularmente ao absentismo (falta de dias ao trabalho), à invalidez precoce (entre os 40-50 anos); à diminuição de rendimento no trabalho, à diminuição acentuada da sua capacidade de resistência, o que torna o indivíduo vulnerável a um grande número de doenças, nomeadamente as infecciosas, tuberculose, dos aparelhos cardio-vascular e digestivo, e do sistema nervoso; à impossibilidade de recuperação de muitas doenças, particularmente a Epi-

lepsia e as doenças do foro psiquiátrico. Refiro-me ainda aos permanentes e graves conflitos no agregado familiar com graves repercussões na «paz doméstica» e dramáticas consequências na formação da personalidade dos filhos, por alteração do micro-clima afectivo, familiar; às graves alterações do comportamento social, que vão desde a agressão, à delinquência, ao roubo e ao homicídio.

Uma visita de estudo a qualquer Enfermaria de qualquer Hospital Geral, ou uma revisão Intencional dos beneficiários da Previdência que frequentam as consultas dos Postos Médicos, ou dos que se encontram com baixa, ou dos precocemente reformados por invalidez, dar-nos-ia uma ideia das dramáticas consequências do abuso das bebidas alcoólicas, no próprio, e no seu agregado familiar.

Não podemos ainda deixar de informar, e convém que cada um fixe esta informação, que a grande maioria das doenças evoluem para a cronicidade, e tornam-se irrecuperáveis mais cedo ou mais tarde. Também neste domínio, se confirma a «Sabedoria popular» de que «mais vale prevenir que remediar». A cirrose, consequência directa do alcoolismo em 80% dos casos, é irrecuperável, e é geralmente nesta fase, isto é, no «princípio do fim», que o alcoólico recorre ao tratamento o que é inútil para o doente, frustrante para o médico, e altamente oneroso para a fazenda nacional.

Limitámo-nos a enunciar alguns dos graves prejuízos causados pelo excesso de álcool, e pensámos assim alertar cada um, em particular, e a sociedade em geral, de que numa sociedade organizada a Saúde Pública, e muito particularmente o Alcoolismo, não pode ser um assunto privado dos Médicos, mas sim um problema social, pelo que, cada um em particular, e a Sociedade em geral, terão que assumir a responsabilidade que lhes cabe, na profilaxia do Alcoolismo.

SILVA MARTIS

Lemos e não comentamos...

COSTA GOMES passa da CIA para a influência russa. Motivo? Dinheiro?...

«Jornal Português de Economia & Finanças», n.º 375, de 16-1-77, pág. 17: «Costa Gomes era, em 1961, homem de confiança e até homem de mão dos norte-americanos: para todos os efeitos práticos, agente da CIA ou da sua irmã gémea militar, a DIA — Defense Intelligence Agency. Em 1974, ao encabeçar com Spínola o 25 de Abril, ninguém podia supor que ele tivesse entretanto passado, de homem de confiança dos serviços norte-americanos para agente dos serviços russos. Mas é um facto.

Costa Gomes é um homem sem carácter... Além de ambicioso e, ao que se diz, sem escrúpulos, conhece-se a Costa Gomes, pelo menos desde há alguns anos, uma obsessão — o dinheiro.

Só durante o ano de 1973, arrecadou alguns milhares de contos em operações especulativas na Bolsa, feitas com créditos de favor obtidos nos bancos à sombra das suas estrelas... Numa dessas operações... o lucro líquido de Costa Gomes foi superior a três mil contos em «cash».

Este dinheiro foi, ao que veio a saber-se recentemente, transferido para a Suíça, através da Casa de Câmbios Victor Gonçalves..., pertencente a Vasco Gonçalves.

A aquisição de Costa Gomes para a causa do Internacionalismo proletário (... para os serviços soviéticos) foi feita através de Vasco

Gonçalves... membro do PC desde 1958...

Conquistou Costa Gomes para os ditos serviços pela lisonja... «e certamente também pelo dinheiro: segundo consta ofereceu-lhe, designadamente, uma casa em Cas-

cals, a baixo preço, construída pela sua empresa com créditos da Caixa Geral de Depósitos»...

— Ó Zé, que é lá isso? Vomitas?
— E achas que não é de vómitos?...

Festarola custa 122.711\$00 ao Zé na RTP...

«Diário de Lisboa» publicou o seguinte, em 17-1-1977:

«Cocktail servido nas instalações do Lumiar, no decorrer das eleições Poder Local, a mais de 330 pessoas, incluindo serviços de empregados de mesa e bar, empregados de cafetaria e outros, todos os transportes, fornecimento de todos os materiais necessário como louças, vidros, toalhas, mesas, etc., flores para a ornamentação das mesas, sumo de laranja, águas minerais, tónicas e gaseificadas, chocolate quente, bem como outras despesas inerentes à boa organização e execução do serviço...»


E logo vem a verba de todo este serviço: 79 800\$00.

Mas há mais: há o consumo extraordinário. Assim, discriminado: 94 garrafas de «whisky» a 410\$00, 39 540\$00; 11 garrafas de «gin» a 74\$00, 814\$00; 1 de aguardente Antiqua a 235\$00; 1 de triplice seco a 71\$00; 2 de

vinho da Madeira a 225\$00; 5 de «vermouth» a 50\$00, 250\$00; 1 de «vodka» a 162\$50; 22 de vinho de mesa garrafeira a 47\$, 1034\$00; 11 de «D. Silvano» rosé a 34\$50, 379\$50; aluguer de

plantas e flores de roseira e respectivo transporte, 1200\$00.

Somando este consumo extraordinário com o serviço acima mencionado, temos a verba de 122 711\$00.



LIVRARIA PAX

LIVROS . IMPRESSOS . POSTERS . GRAVURAS . DISCOS
NOVIDADES

REPARAÇÃO E LIMPEZA DE MAQUINAS DE ESCREVER,
REGISTADORAS, CONTABILIDADE, ETC.

SECÇÃO INFANTIL:
MODERNO SORTIDO DE JOGOS DIDACTICOS E EDUCATIVOS
CONSTRUÇÕES . LIVROS . DISCOS . BRINQUEDOS . NOVIDADES

TIPOGRAFIA — ENCADERNAÇÃO

UMA ORGANIZAÇÃO RENOVADA AO SERVIÇO DA CULTURA

Rua do Souto, 75 — Telefone PPC 22604 — BRAGA

Devoção a Santo António na Tradição Brasileira

«Os festejos populares de Santo António, S. João e S. Pedro, evocam anos e séculos de vida nacional. É uma tradição que nunca deverá arrefecer e, menos ainda, deverá desaparecer. Não tenhamos pejo dos bons hábitos dos nossos maiores. Principalmente quando os cimenta tal vetustez!

Oponhamos sábia resistência à pretensão dos países industriais, que intentam estandardizar os países consumidores, fazendo-os ter as mesmas necessidades, os mesmos costumes, idênticos usos.

Um povo jamais se desprende das raízes do passado, e é criminoso todo o progresso que atenta contra as tradições legítimas de uma nação.

Reajamos contra esse mercantilismo daninho à nossa individualidade de país soberano e de povo tradicionalista. Pretendamos o progresso, sem destruir o Brasil!»

— Esta longa, desassombrosa e exemplar citação é do interessante livro *Santo António na Tradição Brasileira* por J. C. Ataliba Nogueira, no ano de 1933.

Continuando o interessante artigo em epígrafe, afirmo que a devoção ao Taumaturgo universal veio com os primeiros portugueses oficialmente chegados à Ilha de Vera Cruz (Brasil), ano de 1500.

Multiplicaram-se os povoados e as famílias e a devoção a Santo António também se estendeu primeiro na adoção do seu nome para muitos baptizados, depois na Arte Cristã e ainda na Tradição como no folclore popular.

Na cidade de São Paulo, existiu uma Rua Direita de Santo António (que data do séc. XVII) na qual se erguia humilde ermida em louvor do Santo. Nessa ocasião ocorreu a memorável defesa da Baía contra os Holandeses; depois e antes dessa data se multiplicaram as lendas e os escritos comprovativos da devoção dos naturais ao nosso comum Santo. «Há crendices ingénuas e alusões tão próprias da alma popular!» Uma delas é o lançamento ao poço a imagem do santo, ou só do Menino, atado ao pescoço

por uma corda, querendo assim urgir certa graça impetrada: provam-no a raridade de imagens em que não esteja arrancado o Menino Deus...

Enfim — como diz o supra citado autor — «Os 365 dias do ano são dias de Santo António, pois o nosso bom povo não lhe dá descanso». Especialmente no dia 13 de Junho, por toda a parte há folias e cantigas. A linguagem popular que nesses dias se expande em verso cantado isso manifesta claramente.

«Atendendo à nossa origem portuguesa e à preponderância étnica que indubitavelmente cabe aos lusos na formação do nosso povo» eis algumas quadrinhas já inteiramente portuguesas, já inteiramente cabouclas e muitas outras por assim dizer mistas (...):

*Meu Santo António querido,
Meu santo de carne e osso,
Se tu não me dás marido
Não tiro você do poço.*

*Santo António pequenino,
Mansador de burro bravo,
Vem mansar a minha sogra.
Que é levada do diabo.*

*Ó meu rico Santo António,
Livrai-me deste demónio,
Que me está a tentar.
Depára-me um matrimónio
Que eu morro por casar.*

*Me apeguei com Santo António
Pra casar uma criola:
As almas ganha uma saia,
Santo António uma ceroula.*

*Meu Santo António adorado,
Acabô de me contar
Que em amê não há pecado,
Que pecado é não amá.*

*Meu Santo António querido,
Eu vos peço, por quem sois:
Dai-me o primeiro marido,
Que o outro arranjo depois.*

*Ninguém se queixe da sorte
Que Santo António disse assim:
— Às vezes, quando Deus se atraza
Vem um anjo no camim.*

*Junto a pé de Santo António
Suspendi meu coração.
Fica aceso noite e dia
Com a luz desta paixão.*

*Santo António, aviva os mortos
E dá saúde aos doentes
Não é muito que despache,
Mil sádios pretendentes!*

Também o violino, nos seus desafios, o louva:

*Prometi a Santo António,
Se saísse vencedor,
De enfeitá o seu finho
Com um ramallete de frô.*

Exaltando o poderio do Santo, o povo canta-lhe o responsório:

*Se queres milagres,
Implora confiante
De António o favor:
Seu braço é tão forte,
Que do erro e da morte
Destroi o furor.*

Enfim, o padre António Vieira que em seus sermões le Maranhão e da Baía, tanto honrou o Santo do seu nome, assim se exprimiu, pregando em 1656: «Se vos adoce um filho, Santo António; se vos fogue o escravo, Santo António; se esperais o retorno, Santo António; se requeris o despacho, Santo António; se aguardais a sentença, Santo António; e, talvez, se quereis os bens alheios, Santo António».

5

PRÉMIOS GRANDES

JÁ DISTRIBUIDOS ESTE ANO

aos balcões da

CASA DA SORTE

Extracção de 20-1-77:

2.º PRÉMIO — 50166 — 1200 CONTOS

*

FOTOCÓPIAS

Se pretende obter fotocópias, com urgência e qualidade extra, dirija-se aos estabelecimentos da CASA DA SORTE em BRAGA, Lisboa - Rossio, P. da Figueira e R. Garrett - Porto e Coimbra.

Caixa de Previdência do Ministério da Educação e Investigação Científica ÉDITOS

Em conformidade com o artigo 16.º dos Estatutos aprovados pelo Decreto-Lei n.º 35 781, de 5 de Agosto de 1946, declara-se que, para habilitação ao subsídio de Esc. 10 221\$00, constituído por Ema Luciana Beirão Faria Lamela, sócia n.º 23 810, falecida em 21 de Novembro de 1976, correm éditos de trinta dias a contar da data da publicação deste anúncio no «Diário da República», citando as pessoas que se julgarem com direito ao referido subsídio a deduzirem a sua habilitação naquele prazo, a fim de, apreciados os direitos invocados, se decidir sobre o pagamento do mesmo.

Caixa de Previdência do Ministério da Educação e Investigação Científica em 14 de Janeiro de 1977.

O DELEGADO DA COMISSÃO AD HOC,

a) Francisco Maria Gonçalves

Comentários

Serviços municipalizados do Porto: protótipo de nacionalização!...

Receita diária de 1.000 contos; despesa diária, 2.000... Prejuízo diário de 1.000 contos. Tal é a situação da STCP do Porto.

Porquê? As oficinas trabalham apenas a 50%. As paralizações de

trabalho são o dia a dia... «Jornal de Notícias» acrescenta ainda:

«As iniciativas de austeridade, numa altura em que o Governo e todos os partidos dizem que são necessárias, são coisa que no STCP não se vê. A capacidade de tomar medidas na altura, no momento oportuno, parece andar afastada — vive-se sempre à espera das instruções dos ministérios, das indicações da capital.»

Para cúmulo, a empresa ocupa o primeiro lugar — ou dos primeiros — em número de empregados por vltura da Europa...

Que tropa de cigarras!... O pior é que esta coisa é normal em todas as empresas nacionalizadas ou intervencionadas... Se, aqui, o número de ausentes ao trabalho é de 2.000/mês; nas mais pequenas, é de 200... Mas a coisa é a mesma... Até quando?

Por essas e por outras é que vamos ser comandados por estrangeiros...

Concedido, embora, o empréstimo de \$300 milhões, a verdade é que ainda não chegou. Há discussão nos topos... Porquê?...

O certo é que o outro de escudos \$1.200 milhões está dependente das condições impostas. Só um mínimo: salários realistas e banca privada...

Mais ainda, ao que se diz: responsáveis pelo bom uso do dinheiro vigiarão o seu emprego, de modo a que seja rentável e não se perca por caminhos tortuosos, como, por exemplo, os da Reforma Agrária, entre outros. Ou do Cachão...

E lembrar-se a gente de que, em 1926, o país se revoltou contra a ideia de vir a ser governado economicamente por estrangeiros.

Aí vai disto: tratamento de choque!...

A brincadeira acabou, gente... Folias e vid'alrada à custa do Zé, absentismo e preguiça, greves e plenários por tudo e por nada..., terrível doença da época, que anemiza as empresas, vai ser... mera recordação do passado.

Querem ver? O Caso SMIDA... — Manufatura de Madeiras, Quinta, Ilhavo. Os administradores de 25 de Abril demitiram-se, sendo substituídos por dois trabalhadores e um técnico de gestão, nomeado pelo banco já nacionalizado.

Em Maio de 76, nova comissão administrativa afasta os trabalhadores.

Entretanto é convocado um plenário com vista a os trabalhadores se pronunciarem sobre se deverla ou não proceder-se à reestruturação da empresa. Um dos pontos a considerar é o regresso do antigo

(Continua na 6.ª pág.)

RONDA POPULAR

Ao calor da lareira...

Tive de pagar a mim mesmo o abono de família!...

VI

Amigo Marçal

Cá val — conforme o prometido aquando da última visita que tiveste a gentileza de me fazer, — a carta que relata os acontecimentos passados naquele deserto de Chenapamimba e que de seguida passo a descrever.

Não foi de todo surpresa para mim aquilo que de mau fui encontrar naquele inferno cafreal onde os diabos eram brancos, pelo menos de pele, já que os seus corações eram negros e empedernidos como as paredes do próprio inferno!

Mas antes de penetrar em pensamento nesse antro de bandidos, permite-me que recorde ainda o

meu desterro das Necungas, que embora passageiro, foi motivo de mais uma provação naquela minha via crucis percorrida em terras africanas. Vivi durante três longos meses na frágl choupana que eu próprio construí no interior da floresta virgem, longe de tudo e de todos, tendo de me deslocar de quando em vez à via férrea para, assistindo à passagem do combóio que da Beira se dirigia para Tete, contemplar rostos brancos e ter a certeza de que o mundo civilizado existia ainda.

Por companhia tinha os animais selvagens que de noite rondavam a minha porta, e de dia um que outro negro vindo de longe em procura de farinha, sal, feijão e outros géneros de primeira neces-

sidade, ou corregando algum saco de milho ou mapira com que realisassem algum dinheiro, ou para simples permuta.

Não faltava ali a água de Lisboa (vinho) que era para os negros em geral, o nectar divino que tinha o condão de alegrar, fazendo esquecer, embora temporariamente as amarguras e desgostos da vida.

Nesta fase transitória entre o desemprego e a nova ocupação que se esperava, era comum para todos aqueles que abandonaram a sua terra, estes e outros recursos, por conta de sanguessugas que por vezes também por aquelas bandas apareciam e da necessidade dos seus patrícios se aproveitavam sem o mínimo escrúpulo. Aqueles e estes, são hoje medidos pela mesma vara, pelos que, se lá tivessem

(Continua na 6.ª pág.)

Cartas ao Director O impossível acontece...

Independência Nacional

É um dos objectivos fundamentais de todos os partidos portugueses, incluindo o partido que agora se encontra no poder. E nenhum deles desconhece concerteza que a independência total e absoluta nos tempos actuais é impossível. E que será tanto maior (a dependência) quanto menor for o poder económico. Nenhum português desconhece certamente que desde há uns tempos para cá nos temos tornado cada vez mais dependentes dos outros países, ou seja, cada dia somos menos independentes — um dos objectivos (?) dos capitães e generais que fizeram um golpe de Estado a que deram o nome de «Revolução dos cravos» ainda ninguém sabe quem comprou ou mandou comprar (e utilizar no momento exacto) tantos cravos!

Já se gastou a totalidade das divisas (moeda estrangeira) que nos havia deixado o «fascismo», e

já estão empenhadas cerca de 300 (trezentas) toneladas da «pesada herança fascista», que é preciso destruir quanto antes, para que não deixe rastros o malfadado fascismo colonizador, à semelhança do procedimento dos governos progressistas de Angola e Moçambique, que destroem estátuas e outros símbolos, mas não destroem as estradas, hospitais, portos, aeroportos, escolas, etc.

Ora eu venho propor que se acabe de vez com o nosso empenhamento para com os U.S.A. (principalmente) — qualquer dia o governo português terá de dar ao estrangeiro o que se tirou aos portugueses para efectuar as nacionalizações, e talvez não chegue.

Deverão aceitar-se apenas auxílios dos nossos amigos do C.O.M. E.C.O.N. E, nomeadamente da Rússia. A solidariedade desses países socialistas, é mais desinteressada,

como se tem visto na ajuda que dão a Angola, Moçambiques, Guiné e muitos outros países do Globo, que recebem a ajuda fraterna do internacional socialismo, e internacional comunismo, com a garantia das «amplas liberdades».

Não consigo compreender porque é que, depois da solidariedade manifestada pelos referidos países, depois de tantas viagens a esses mesmos países, e de tantas promessas, o nosso governo não aceita esse auxílio em grande escala, desinteressadamente, para alcançarmos a democracia dentro dum bem estar cada vez maior para todos os portugueses (como prometeu o então M.F.A.).

Que esse auxílio não venha para os desgraçados dos retornados, compreende-se, porque são por eles considerados reacccionários, colonizadores, exploradores e todos os mais adjectivos vexatórios, inventados e por inventar — mas nós?!

(Continua na 7.ª pág.)

Prior de Serpa: «Foram os do CDS ou Mota Freitas?»

Deu bronca o sacrilégio dos comunistas em Beja, aqueles rapazolas que, na noite da missa do galo, entraram na Igreja, foram ao sacrário, comeram as hostias e se ficaram a assistir à missa do galo, que, entretanto, se celebrava.

Durante a elevação, os tipos gritavam: «Viva o PCP!» «Viva o PCP!»...

Devidamente criticados na A.R., mereceu da parte do PCP, vivo repúdio, negando terminantemente que o PCP estivesse envolvido no caso. Mais: segundo o deputado pecepista, o pároco — nem sequer sabem como são chamados os párocos no Alentejo... — teria afirmado que não eram comunistas os sacrílegos.

Pobre prior... Por enquanto ainda o não puderam obrigar a dizer que foi Mota Freitas ou os homens do CDS... Mas, no Gonçalvismo, teria sido o mesmo?

Espera aí, que eu já te apanha...

Águas mineromedicinais, encimadas com a notícia de que o café subiria para 7\$50, decidram adiantar-se-lhe passando de 3\$50 e 4\$00 nos cafés para 6\$00.

Quem vai pagar as favas? Os Melos! Os capitalistas? Vais ser tu, pobre Zé, cada vez mais na dependura...

Ainda duvida que são os trabalhadores quem mais sofre?

Ao referir os últimos aumentos da gasolina, gás, etc., entrevistados ocasionais disseram aos jornais que seriam as camadas mais débeis as principais vítimas dos últimos preços da gasolina e seu cortejo trágico...

O gente, mas tinham qualquer dúvida sobre isso? Em certos regimes, custo de vida e salários é ver quem corre mais e mais de pressa. Os salários sobem 15%? Pois a vida sobe logo 30%...

Todos sabemos que é assim. Só os trabalhadores é que não sabem? O remédio é atacar a subida do custo de vida, não aumento nos salários. E... a maratona...

Querem ver?

Funcionários públicos, 15% a mais; gasolina, mais cara 25%...

O governo actualizou os ordens mais 15% mas aumentou logo a gasolina em 25%.

E vai ser o mesmo no resto... Ordenados sobem 5; vida sobe 50...

De notar que o aumento imposto pelos produtores apenas agrava cada litro em mais \$20 a \$25... O Governo subiu mais 25%.

Mas, então, os amigos russos? Não saiu para Moscovo uma missão portuguesa, esperada em obter deles preços mais vantajosos? Os ditos esqueceram-se — ou não sabiam... — que a Rússia obteve, em 1975, um excedente de \$735 milhões nas relações com os seus satélites... Em 1976, deve elevar-se a \$900 e \$1.000 milhões.

A fome espreita-nos. Por semear metade do trigo no Alentejo...

Cinquenta por cento das Kol este ano as sementeiras. Nalguns da Reforma Agrícola não fizeram nada do funcionalismo público em koses e das cooperativas da área sítios, nem sequer prepararam a terra; noutros, embora preparada, não fizeram as sementeiras.

Os gestores dos novos latifúndios não fizeram as sementeiras no período entre Outubro e 20 de Novembro e as chuvas de agora não permitem o trabalho.

O trigo não foi levantado ou acaba de ser entregue por ser impossível a sementeira...

Ah! boa vara...

Pois... pois... Só que...

O Zé recebeu com rugas na testa a notícia de que as impor-

(Continua na 6.ª pág.)

DE BRAGA

Com vista à descentralização e operacionalidade das Câmaras Municipais

O Governador Civil de Braga reuniu com as novas câmaras do distrito. Problemas tratados: a existência dos Gabinetes de Apoio Técnico aos municípios (os G.A.T.S.), que podem resolver os assuntos do sector nos concelhos, que, para o efeito, se agruparem. A passagem da electricidade para uma única empresa estatal foi o outro assunto analisado bem como o reforço das finanças locais, único meio de resolver os problemas de cada concelho.

Delegação Aduaneira em Braga

Na última reunião rotária, Rocha Peixoto sugeriu a criação de uma delegação aduaneira nesta cidade. Porquê? Segundo disse, em recente reunião, as indústrias da zona criticaram asperamente as dificuldades encontradas nas alfândegas para a importação de mercadorias, que ali ficam retidas dias a fio com os prejuízos, que se podem calcular.

Concelebração na Sé no 13.º aniversário da tomada de posse do Senhor Arcebispo Primaz

Ocorrendo em 2 de Fevereiro o 13.º aniversário da tomada de posse do Sr. Arcebispo Primaz, Mons. Mouta Reis convidou para uma concelebração na catedral, às 17,30, pelas intenções de Sua Ex.ª Reverendíssima.

Com vista à próxima Semana Santa

A primeira reunião com vista à Semana Santa decidiu, entre outras e para já, as seguintes actividades do programa:

Para além das tradicionais e

imponentes procissões do Senhor dos Passos, Ecce Homo e Enterro do Senhor, a comissão tomou já a peito a organização de actos artísticos e culturais específicos, como conferências, concertos, etc. e um alargado e grandioso encontro de Coros Paroquiais que actuarão na semana que antecede a chamada Semana Maior.

Brevemente sairá a comissão angariadora de fundos.

Elevador do Bom Jesus, recolha de lixo e outros assuntos tratados pelo presidente da Câmara

Em conferência de imprensa, o Eng.º Mesquita Machado referiu-se a vários problemas camarários, entre eles o do próximo funcionamento do elevador do Bom Jesus com o seguinte horário: das 8 às 11,30; das 12,30 às 15,30 e das 16,30 às 20 horas.

Quanto a lixo, verdadeiro quebra-cabeças e vergonha da cidade, ficou assente que se fará de noite a recolha e a limpeza, de manhã.

Outros problemas somenos foram referidos, como tapais diante dos edifícios que queiram entrar em reparação de fachadas — isentos de taxas até 30 de Abril próximo futuro; dado o nome de Bombeiros Voluntários à rua que vai da Rodovia ao L. Paulo Osório, etc.

Reforma Agrária no norte discutida pelos Governadores Civis

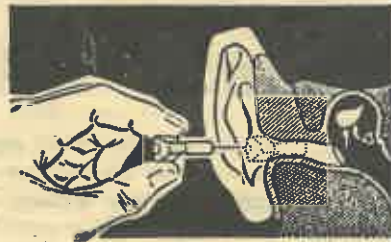
Governadores Civis de Aveiro, Guarda, Viana, Vila Real, Viseu, Braga e Porto reuniram com vista a uma acção comum face à nova lei de reforma agrária que deve ser publicada em breve. É que a actual, em razão das ambiguidades e da impossibilidade prática de a pôr em funcionamento nunca foi posta em vigor na prática aqui, nesta região.

Afinal, gato por lebre em S. Marcos...

A CI de São Marcos diz ser falso terem chegado 5 mil contos para retroactivos. Falso é, também, que tal quantia tenha servido para pagar os 15% de aumento do funcionalismo, pois se destinou ao pagamento do 13.º mês.

Falso é, ainda, que um gestor se haja deslocado a Lisboa para tratar de resolver um problema, que afinal, não chegou a ser posto.

Quanto aos retroactivos, as dificuldades em clarificar os pagamentos e a complexidade do problema estariam na origem da demora, sendo de referir, até, a necessidade de aumentar o subsídio já recebido de 2.780 contos, que não chega para as remunerações complementares.



ATENÇÃO SURDOS de BRAGA e GUIMARÃES

VOLTAR A OUVIR É VOLTAR A VIVER

A Casa Sonotone estará convosco ao vosso serviço e Inteliramente ao vosso dispor em:

BRAGA - no dia 1 de Fevereiro, na FARMÁCIA BRITO (Av. da Liberdade, 777), das 9,30 às 12,30 horas
GUIMARÃES - no dia 2 de Fevereiro, na FARMÁCIA HÓRUS (Largo do Toural, 26), das 16 às 19 horas

onde vos apresentará a mais moderna e completa gama de aparelhagem auditiva para adaptação racional a cada caso individual: Óculos auditivos - Modelos de bolso - Modelos retroauriculares Modelos Pérola IV e Miracle VI (usados dentro do ouvido, sem fios nem tubos) e os sensacionais modelos populares

A CASA SONOTONE faculta-vos gratuitamente e sem compromisso exames audiométricos e experiências práticas

Visitem-nos pois, nos dias, horas, farmácias e localidades acima indicadas.

Casa Sonotone PRAÇA DA BATALHA, 92-1.-PORTO Poço do Borratém, 33 s/1 - LISBOA

O Rito Bracarense

Festa das Candeias ou 2 de Fevereiro

Em Roma, era a apresentação do Menino Jesus no Templo; em Braga, a Purificação de Nossa Senhora, como no oriente, no qual este rito, ao menos em parte, se inspira.

De futuro, como há-de ser? Segundo o «Codex Rubricatum», a meu ver, será que celebrar-se a Apresentação do Menino, mas, sendo Braga um rito especificamente mariano, deveria pôr-se a questão oficialmente para quem de direito resolvesse.

Esta festa, embora antiga, deve aos carolíngios, o actual esplendor. Aos carolíngios ou aos monges de Cluny? A história que no-lo diga, se puder.

Desde o «Missal de Mateus», até ao actual, se recitam várias orações, que revelam a supina ignorância dos últimos séculos em relação à liturgia. As tais orações são diversas, mas, nos bons velhos tempos, rezavam apenas uma à escolha. Vai daí, passaram a rezá-las todas... Assim uma coisa como as 3 orações bracarense, antes da comunhão, na missa, ou o ajoelhar tantas vezes ao evangelho, quantas se fala em Jesus.

Quem assim procede ignora de todo a história do nosso rito: só se ajoelha, quando, no princípio,

se diz: «Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo...» Nunca mais, ao longo do evangelho...

Para os nossos dias, que mezinhas pastorais nos dá a Apresentação de Jesus no templo?

Receio que os nossos sacerdotes falem de problemas abstractos, sem ligação com o «aqui» e «agora», a que se deve aplicar a liturgia do dia.

À falta de melhor — já não tenho tempo para isso — vejamos. Ao menos, que consigamos a bemaventurança eterna (Oração de I vésperas). Ou, então, o «Sendo Virgem, gerastes o Deus-Homem e continuastes virgem imaculada depois do parto» (R. de Matinas, 9.º). Ou, finalmente: «será ruína ou ressurreição de muitos em Israel... Será um sinal de contração» (Ant. 4 de Laudes).

Quando tanta porcaria se abate sobre nossas famílias — todos os problemas do casamento... — uma reflexão atenta ao lar de Nazaré fará muito bem. E, até, entre cristãos e os melhores, em tais assuntos, Cristo será sinal de contração: ruína e salvação ao mesmo tempo...

Excelente lição para uma sociedade dominada pelo sexo.

A. Luis Vaz

«Totalitarismo democrático»

(Continuação da 1.ª pág.)

ideologia não agrada aos governantes, e que é preciso calar. Com uma diferença: passa para a Assembleia da República a responsabilidade de uma tal decisão!...

Não será isto um anti-fascismo primário?

Parece-nos que em democracia a luta se deve travar no campo do adversário, em liberdade, em diálogo. E quando aquela e este não respeitam a verdade e a honra, então estão os Tribunais para agir com dignidade e isenção.

É que, seja qual for a decisão da Assembleia da República, esta será acusada de falta de isenção, devido à maioria governamental, e à possível «maioria da esquerda», interessada em calar a boca de

«fascismo». O Xá da Pérsia disse em entrevista que em democracia também há ditadura: quando um partido maioritário esmaga os demais.

Com esta decisão, a proibição de assinar certos meios de informação e mais a orquestração da imprensa estatizada, parece-nos que se instala entre nós, a censura, que o «Fascismo» praticou, visto que também impediu a livre circulação de imprensa, sobretudo a «comunista» e, também, detinha revistas nos Correios.

Com uma diferença: o Fascismo era uma ditadura; o actual sistema português é constitucionalmente uma democracia.

Entre «palavreado» e realidade

A produção agrícola, segundo informação do Instituto Nacional de Estatística, diminuiu consideravelmente em 1976. Assim, segundo o mesmo órgão informador, as produções de azeite, vinho, arroz, batata, feijão e milho foram inferiores não só às do ano de 1975, mas também à média do último decénio.

Entre política e economia

O ministro da Energia da Grã-Bretanha, cujo Governo é socialista e defende as nacionalizações, resolveu vender parte das acções da «British Petroleum» para obter novos recursos...

Entre Leste e Ocidente

Os países de Leste, comunistas, devem aos países capitalistas 32 milhões de dólares. E se reesolvem não pagar?

Entre Eanes e certos militares...

O General Eanes disse, há pouco: «No quadro político vigente cabe aos militares garantir a segurança do povo na escolha e construção livre das suas opções, sendo imperativo da sua condição de cidadãos armados que sacrifiquem a esses valores supremos a afirmação das suas opções particulares».

Fazemos votos por que os melantunistas meditem estas palavras do General Eanes.

Livro Negro do Fascismo

Sobre o assunto escreve «O Mundo Português», de 14 de Janeiro:

«Já estamos a ver, primeiro, dezenas e dezenas de candidatos a tão grande missão: o Senhor Urbano Rodrigues a mostrar o currículo; o Senhor Pereira de Moura a desfilar o talento e muitos outros escrebas à ponfia no concurso. Até o Senhor Otel Saraiva se inscreverá com seus pendores literários... Se mais não for,

para assinar as folhas em branco, como o fez com os mandados de captura nas noites em que comandou o COPCON. Sua Senhoria assina em cruz e, o ano que vem, habilita-se ao Prémio Nobel de Literatura.

Depois, quando o Governo do Dr. Mário Soares prestar contas à Nação de suas realizações, enumerará: não nos deixaram fazer o que queríamos. O P.S.D. amarrou-nos. O P.C.P. trafu-nos. O C.D.S. fisgou-nos. Mas, assim mesmo, conseguimos algumas proezas extraordinárias: correr do Alentejo o Senhor Lopes Cardoso e editar um livro sobre o fascismo...»

Sem contrastes

Sá Carneiro, em Madrid, disse que Portugal estava a chegar à bancarrota.

Logo em Portugal, se desencastrou uma ofensiva partidária contra aquele político.

Em 17 do corrente, o Ministro das Finanças, ao empessar os vice-governadores do Banco de Portugal, concretizou, angustiadamente, a expressão daquele político, que, afinal, só dissera a verdade.

Quem lucra com a mentira?

Entre Salgado Zenha e o Ministro das Finanças

Salgado Zenha declarou, há pouco, quando saía com mais colegas do Partido Socialista de uma audiência com o Chefe do Estado, que havia, em Portugal, estabilidade económica, política e social.

As declarações posteriores do Ministro das Finanças não concordam com as de Salgado Zenha...

CABAZ DE COMPRAS

(Continuação da 1.ª pág.)

Como diria o Padre António Vieira, hoje continua-se a pregar palavras e pensamentos. «E palavras sem obras são tiro sem bala; atroam, mas não ferem».

O governo nomeou uma Comissão (com certeza muito numerosa para não poder estabelecer um princípio) para definir um conjunto de bens essenciais cujo preço se manterá constante e que englobará os produtos fundamentais para uma vida normal de todos os consumidores.

Aqui reside uma das condições de segurança que essa, sim, é base de toda a liberdade. Sem pontos fixos no caminho espiritual ou material, não podemos entrever um mundo objectivo que pensamos poder alcançar-se. Para que, segundo André Breton: «agora sei muito bem que enquanto viver, haverá ao longe uma ilha».

Mas o problema que nos é posto frontalmente é o modo como vamos ultrapassar o problema da subsistência.

O cabaz de compras que o governo vai estabelecer segundo promessa expressa, esperamos que não se compare com o «cabaz de

Natal» cujos ecos andam agora nos jornais. E este assunto sério demais para ser encarado a esse nível. Acreditamos, portanto, que tudo correrá bem.

Esperamos, assim, que nesse cabaz apareçam todos os bens essenciais, ou sejam todos os bens fundamentais que servem de suporte à nossa vida social: alimentação, vestuário, transporte, etc.

Estranhamente a maior parte destes bens vêm sofrendo sucessivos aumentos de preço como no caso dos transportes, da energia, dos combustíveis, dos artigos de vestuário; ou deles se vai verificando escassez nos meios populacionais mais importantes, como a batata e o leite e a carne — o que significa a expectativa dum aumento de preço.

O que significa que, quando houver a definição de artigos e seus preços, pelo menos estes estarão actualizados com incidência directa na bolsa magra das classes mais desfavorecidas.

Haverá sinceridade nisto?

Ou a «pesada herança» do fascismo, acrescida dos erros económicos da Revolução — a isso nos obrigam?

Crónica de Viana

Calendário festivo

A Comissão Municipal de Turismo de Viana do Castelo divulgou

o calendário de actividades para o corrente ano. Nele se inclui o programa festivo da Mimosa a celebrar já durante o mês de Fevereiro, abrangendo os seus quatro domingos, com manifestações culturais e gastronómicas, estas com a colaboração da Indústria hoteleira, que confeccionará pratos de índole regional, onde se salientam o bacalhau à moda de Viana e o sarrabulho.

No prosseguimento da sua actividade destaca-se em Maio o período da Flor, de grandes tradições nas circunvizinhanças da cidade.

As festas de Verão terão especial incidência na romaria de Nossa Senhora da Agonia, não se descurando outras de boa projecção.

Durante o Outono terão lugar, após largo interregno, as manifestações alusivas às colheitas.

Nos Serviços de Turismo, em Viana do Castelo, teve lugar uma recepção em homenagem aos vencedores de um concurso de fotografias, organizado pela Casa de Portugal em Paris, iniciativa que teve larga projecção na capital francesa.

Os responsáveis pelo turismo vianense organizaram um programa de visitas aos galardoados que ficaram encantados com esta região.

Afonso do Paço

BATATA DE SEMENTE

ESTRANGEIRAS E NACIONAIS

Para entrega imediata

Rodrigo da Costa Gomes Lda.

Rua D. Frei Caetano Brandão, 15

ARRAN-BANNER • ARRAN-CONSUL • BINTJE
DESIRÉE • KENNEBEC • RED-PONTIAC

DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS

Descontos a Grêmios e Revendedores

Telefone 22557

BRAGA

Comentários

(Continuação da 3.ª pág.)

presidente da administração, ausente no Brasil.

O plenário aprova por 152 a favor, 22 contra e 22 abstenções o referido projecto. Aprova também as condições impostas: tratamento de choque, dada a gravíssima situação da empresa, administração forte e amplos poderes em todos os campos.

A comissão de trabalhadores passa a ter apenas 5 membros, não interfere na gestão, devendo no entanto ser informada mensalmente acerca do andamento da empresa. Por outro lado, os estatutos relativos à Comissão de Trabalhadores são suspensos, dado que ultrapassam o que val ser definido em lei no tocante a controle de gestão.

É proposto um contrato social para 1977 que prevê, entre outras cláusulas o seguinte:

«Assim, proceder-se-á em breve às admissões, reclassificações, adaptações e mudanças de posto de trabalho que a administração julgar conveniente e «determina-se» que as ordens dos chefes terão de ser cumpridas integralmente. Aos trabalhadores resta, neste campo, apenas a possibilidade de, por escrito, reclamarem contra tratamentos que considerem «lesivos da sua honra, ou da sua competência profissional.»

Grupo suíço quer salvar Torralta

A Nuvest aplicou na Torralta centenas de milhar de contos. Um representante seu está em Lisboa para negociar com o estado aspectos ligados ao caso. Tentará, ainda, tomar sobre si o relance daquela empresa turística investindo até nove milhões de contos.

Oxalá consiga salvar os interesses dos milhares de milhar de

pequenos depositantes daquela empresa.

Afinal em que ficamos: 700, 300 ou apenas 55 os funcionários da embaixada soviética em Lisboa?

Imprensa disse: são 300 os funcionários da embaixada soviética em Lisboa, devendo ser 700 em breve.

Ministério dos Estrangeiros acudiu para informar que são 55: 23 com passaporte e 32 sem ele, pois são funcionários administrativos.

Em 14, um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros dissera, todavia, que o total de funcionários com passaporte era de 55, havendo outros sem passaporte...

A embaixada soviética, por sua vez, dissera antes que tinha apenas 23 funcionários...

Mas que embrulhada! Será que o nosso Ministério dos Negócios Estrangeiros não sabe — porque a embaixada lho não diz... — quantos são, de facto, os funcionários naquela embaixada?

(Continua na 7.ª pág.)

RONDA POPULAR

(Continuação da 3.ª pág.)

ido, pior talvez tivessem feito... porque cá o fazem também, e de que maneira!

Naquele deserto passei, como disse, três longos meses... que foram, para mim uma eternidade! E numa região afectada pela mosca tsé-tsé, que a ninguém poupava, nem homens nem animais, pois a peste das tripanossomias (doença do sono) a tudo e todos contaminava!

Ali vi baixar à cova aberta em plena floresta um súbdito norte-americano, vitimado por essa terrível doença. Uma negra que lhe serviu de companheira durante lar-

gos anos, ali se despedia em alto choro, do seu marido, como ela dizia, e ali era vista periodicamente a colocar flores regadas com as suas lágrimas sentidas, o que se verificava, por informações que colhi, muitos anos depois. E o engenheiro americano que a este continente chegou um dia e das florestas de Moçambique fez o seu mundo, e no «habitat» das suas espécies vegetais por amor das quais renunciou a um mundo de prazeres e à vida faustosa, quiz que fosse também a sua última morada! Acabou ali os seus dias sem que tivesse à sua cabeceira um parente

(Continua na 7.ª pág.)

Notariado Português

6.º Cartório Notarial do Porto

a cargo da Notária Lic. Judite das Neves Rodrigues

«Empresa Industrial Metalúrgica Ramoa, Limitada»

Certifico para efeitos de publicação que, por escritura de 31 de Dezembro findo, lavrada de folhas 9v. a 13, do livro de escrituras diversas B — n.º 96 deste Cartório, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação de «*Empresa Industrial Metalúrgica Ramoa, Limitada*», e tem a sua sede na Rua Dom Pedro V, n.º 139, da Freguesia de São Vitor, da cidade de Braga.

2.º

A sociedade durará por tempo indeterminado e tem o seu início em um de Janeiro de 1977.

3.º

O seu objecto consiste no exercício da indústria de serralharia mecânica, niquelagem, cromagem, fundição de metais e soldaduras eléctricas e oxiacetilénica, acessórios para automóveis e para electricidade, podendo, todavia, dedicar-se a qualquer outro ramo de comércio ou de indústria que a sociedade delibere explorar.

4.º

O capital social é de 2 000 000\$ e corresponde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes: Daniel Ramoa da Costa, 1 800 000\$; D. Maria das Dores Cerqueira Soares, 200 000\$.

§ único. As quotas dos sócios são realizadas com a transferência que fazem para a sociedade do referido estabelecimento industrial, com a propriedade do nome «RAMOA» registado na Repartição da Propriedade Industrial sob o n.º 12 332, o alvará n.º 55 388, os elementos do activo, constituídos por: máquinas e ferramentas no valor de 5 617 142\$; móveis e utensílios no valor de 609 626\$50; as viaturas automóveis marcas Opel 1204 Caravan com a matrícula IU-87-27, Renault 4 L matrícula LD-65-78, e Hanomag com a matrícula SO-26-61, todas no valor de 381 000\$; instalações no valor de 437 737\$40; Existências: no armazém industrial, 3 711 941\$30, nos armazéns comerciais 4 775 000\$00, na Laboração, 1 400 000\$00; Valores nos Bancos 1 552 245\$25; Clientes e devedores gerais, — 2 491 551\$30; Letras a Receber, 56 846\$20; Valores à Cobrança, 64 040\$20; tudo no montante de 21 097 130\$95; e os do passivo, constituídos por: Fornecedores e Credores Gerais, 1 495 689\$20; Credores Com Garantia 1 489 288\$70; Letras a Pagar, 4 214 502\$40; Livranças a Pagar, 6 493 855\$90; Imposto de Transacções, 176 667\$30; Encargos a Pagar, — 2 486 079\$20, tudo no montante de 16 356 082\$70, ficando líquido o valor de 4 741 048\$25, superior ao das quotas em 2 741 048\$25, verba que deverá ser creditada ao sócio Daniel Ramoa da Costa, a título de suprimentos.

5.º

A cessão, total ou parcial, de quotas é livre entre os sócios, podendo, para tal efeito, fazer-se qualquer divisão delas.

6.º

A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento da sociedade que terá o direito de preferência, em 1.º lugar e os sócios em 2.º.

§ único. Porém, o sócio Daniel Ramoa da Costa pode ceder a sua quota a quem quiser.

7.º

A gerência da sociedade e a sua representação em Juízo e fora dele, activa e passivamente, com dispensa de caução, fica confiada a ambos os sócios.

§ 1.º Os gerentes são nomeados por dez anos e não poderão ser destituídos antes de decorrido este prazo, sem que lhes seja paga uma indemnização correspondente a 20 vezes a remuneração anual à data da destituição, salvo causa legítima judicialmente declarada.

§ 2.º Os gerentes distribuirão entre si as respectivas funções de administração da sociedade.

§ 3.º Os gerentes poderão delegar, por mandato, os seus poderes.

§ 4.º Para todos os actos ou contratos que constituam a sociedade em responsabilidade, basta a assinatura de qualquer dos gerentes.

§ 5.º Os gerentes serão remunerados conforme deliberação da assembleia geral.

8.º

É proibido aos gerentes assinar em nome da sociedade quaisquer actos ou contratos que digam respeito a negócios estranhos à sociedade, tais como letras de favor, fianças, abonações ou responsabilidades estranhas aos interesses da sociedade.

§ único. O gerente que infringir o disposto neste artigo perde o direito aos lucros referentes ao ano em que se der a violação e

ficará, além disso responsável para com a sociedade pelos prejuízos que lhes causar.

9.º

Não haverá prestações suplementares; mas os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos de que esta carecer, nas condições de reembolso e mediante o juro que for fixado em assembleia geral.

10.º

A sociedade reserva-se o direito de amortizar qualquer quota que seja penhorada, arrestada ou por qualquer forma envolvida em procedimento judicial.

§ 1.º O preço da amortização determina-se pelo valor resultante do último balanço aprovado, corrigido com os lucros do ano em que ocorra o evento, proporcionalmente ao tempo decorrido, consoante os resultados do ano anterior, e será pago em três prestações anuais, iguais e sucessivas, que vencerão o juro de 8%.

§ 2.º A amortização considerar-se-á efectuada com a respectiva deliberação ou com o depósito à ordem de quem de direito, do respectivo preço, na Caixa Geral de Depósitos.

11.º

As assembleias gerais para que a lei não estabeleça outras formalidades serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios, com a antecedência não inferior a 8 dias.

12.º

Anualmente será dado o balanço, referido a 31 de Dezembro, e os lucros líquidos apurados, depois de deduzida a percentagem legal para o fundo de reserva ou outra que a assembleia geral delibere destinar a outros fundos serão distribuídos pelos sócios proporcionalmente às suas quotas.

Está em conformidade com o original.

6.º Cartório Notarial do Porto, 10 de Janeiro de 1977.

Rasurei: «sociedade», «soldaduras», «1 400 000\$00»; «os», «da sociedade», «§ 5.º», «estabeleça». Entrelinhei: «os».

O Ajudante do Cartório

Maria José da Mota Ribeiro

O impossível acontece...

(Continuação da 4.ª pág.)

tações de livros, revistas e jornais, iam ser dificultados. Também a cultura?... Será que gente não deve actualizar-se com o que vai lá por fora ou será que, no campo de cultura Portugal dá cartas, não as recebe?...

Será para defender o nosso socialismo original?...

Mas isso é o que se fez na Rússia...

Os equívocos e zig-zagues do Ministério do Trabalho. Cobram ou não os patrões directamente aos trabalhadores a cota para os Sindicatos? Podem ou não os delegados sindicais fazer essa cobrança nos locais de trabalho?

Podem ou não os trabalhadores, a pretexto de serviço nos sindicatos, eximir-se ao trabalho nas empresas? Enquanto isto não for clarificado, não saímos da cepa torta.

Também não compreendemos que os trabalhadores possam parar nos locais do trabalho para plenários...

All trabalha-se. Tudo o mais é fora do trabalho. Enquanto os nossos governantes não tiverem cora-

gem de pôr as coisas no sã, não haverá maneira de aumentar a produtividade.

Afinal de contas, estamos em democracia ou no totalitarismo russo? Lá é que fecham as portas das fábricas para obrigar os trabalhadores a assistir aos plenários, doutra maneira ninguém queria saber deles para nada...

Aqui vamos pelo mesmo caminho? Somos homens ou carneiros?

J. Pimenta: tem técnicos mais baratos e mandam-lhe outros mais caros?

J. Pimenta é uma das nossas empresas típicas intervencionadas e em auto-gestão: não trabalha por falta de materiais. Não tem materiais por falta de dinheiro e não tem dinheiro porque... não tem crédito.

O certo é que o Ministério da Habitação acaba de mandar dois técnicos seus de confiança para fazer parte da nova comissão administrativa. Ganharão 30 e 40 contos. Os trabalhadores (!...) refilaram: — Então nós temos aqui técnicos mais baratos e competentes e mandam-no-los mais caros?

O diabo, Zé! Levaram a empresa ao caos e telmam na sua...

Uma Carta

de Mouzinho de Albuquerque!...

(Continuação da 1.ª pág.)

refere-se V. Ex.ª em termos bem lisongeiros aos esforços que aqui tenho feito pelo levantamento d'esta província a bem do serviço d'El Rei meu Augusto Amo.

Não partilhou porém essa opinião o actual ministro que sem de nada me ter falado em Lisboa, mal eu voltei costas restringio-me os poderes e atribuições o que me obrigou a insistir pela minha exonegação. É com muita pena que deixo esta província onde muito trabalhei e alguma coisa consegui, mas realmente, enquanto os ministérios se sucedem no poder sempre estribados na falsidade e deslealdade para com El Rei, por um lado, para com os que podem ter acreditado nas suas promessas, por outro, difficil senão impossível era a uma província ultramarina isolar-se d'este regimen de convenções ócas* e perfídias constantes».

Salazar não quis ouvir Paiva Couceiro, quando lhe lembrou em 1937 o perigo que Angola corria. E, porque o não ouviu, ordenando, até, a sua prisão e exílio nas Canárias, aquela província não se desenvolveu economicamente, o que deu, mais tarde, ocasião a uma pretensa justificação do terrorismo. E na vigência da guerra colonial, uma das acusações que se faziam constantemente ao governo central era a de que este cerceava poderes às autoridades locais com o que retardava as soluções, as quais, por serem estudadas em Lisboa, nem sempre eram as melhores.

Com o «25 de Abril» os descolonizadores até desrespeitaram a própria lei constitucional que haviam promulgado. Também estes não quiseram ouvir nem os povos locais nem o metropolitano.

A insolência com que alguns responsáveis, como Melo Antunes, falaram ao povo português da descolonização que operaram revela o que acima escrevemos: os homens de mando julgam-se oniscientes e omnipotentes.

Quando o mesmo Melo Antunes teve de deixar o Ministério dos Estrangeiros por se criar o primeiro Governo Constitucional, falou resabiado daqueles que pedem o julgamento dos responsáveis da descolonização. O julgamento, certamente, não é para averiguar das consequências da mesma, mas do à-vontade com que agiram sem qualquer respeito pela opinião pública e pela lei constitucional.

Quando acordarão, os governantes, para aquela bela recomendação que Ford recebeu do seu pai adoptivo: «Pensa que há sempre quem possa fazer o teu trabalho melhor do que tu?»

Esqueceu-se esta verdade em vários escalões. Assim os governos vão justificando as suas decisões como as melhores, mas não cedem o lugar para que outros possam agir nas mesmas circunstâncias. E depois dirão, como quando da invasão de Goa: que as outras soluções — as dos outros — eram inviáveis...

Quando o tempo ainda pode colmatar as consequências dos erros, pois espere-se. Mas quando o tempo lhes avoluma as consequências, como acontece agora entre nós, o caso já é de extraordinária responsabilidade.

Que pena os homens, ao chegarem a certos lugares, pensarem que a história não existiu, e que a mesma não se pode repetir!

Mac Millan, que foi Primeiro Ministro britânico em duas legislaturas sucessivas, tinha a preparação universitária dos clássicos. A Grécia e Roma deram-lhe possibilidades de remar seguro, não obstante os séculos de distância a que os mesmos se fixaram. A incultura nos governantes é, quanto a nós, uma das causas do mau governo que fazem. O positivismo em que se baseiam não permite a previsão e o ordenamento que o político tem de realizar para o ser de verdade.

É por isso que hoje são raros os políticos.

J. N.

FESTA DA MIMOSA:

Dias do sarrabulho, do bacalhau, do cozida à portuguesa e da lampreia

Viana, adulta e especialista em turismo, programou um Fevereiro maravilhoso para a sua Festa da Mimosa.

Chamariz especial: os pratos regionais, como o sarrabulho, no dia 6; o bacalhau, em 13; o cozido à portuguesa, em 20 e a lampreia, 27. Além destes, outros atractivos: no

Hotel de S. Luzia exposição de antiguidades e artesanato. No Hotel Afonso III, haverá exposições de louça da Meadela e no Hotel Parque, uma feira de numismática e filatelia. Nos Paços do Concelho, expõe o artista fotográfico Tavela Veloso.

Ranchos folclóricos actuem na

tarde de 13 na Av. Marginal. No dia 20, um desafio de futebol será prato forte para os apaixonados. Finalmente, no dia 27, a exposição e feira do Vinho Verde no Hotel do Parque chamará ao local inúmeros visitantes. A partir das 16,30 actua na Igreja da Misericórdia o Coral Polifónico de Viana.

Cartas ao Director

(Continuação da 4.ª pág.)

Nós, povo humilde, explorado pelo imperialismo, pelas multinacionais, pelo fascismo, pelo obscurantismo, etc.?

Quem me explica este enigma? A mim e ao povo (parte) interessado?

Um assinante.

M.G.

Emigrantes:

os verdadeiros e os falsos

«Ninguém é profeta na sua terra»... Ouve-se dizer muitas vezes que um artista, seja ele músico cantor e tenha ele nascido seja em que país for, para se realizar inteiramente, tem de emigrar.

É uma valorização seja em que actividade for. O próprio Ferreira de Castro também emigrou e tantos outros. A emigração é um fenómeno comum a todos os indivíduos e latitudes. No nosso caso, desde os tempos remotos da emigração para o Brasil consubstanciada na célebre «Árvore das Patacas» e também para as Áfricas.

Muitos jovens, que partiram daquelas aldeias, com 17 anos, sem estarem ainda viados pela vida e, que por irem para lugares de inacessível cultura e instrução, não se puderam formar em Doutores mas, nunca traíram a Pátria.

Procuraram sempre fazer uma promoção entre o trabalho e o conhecimento. Quando, ao fim de muitos anos, regressaram, não sem antes terem mandado para a terra dinheiro para melhorias, — receberam dos governantes de então a «Comenda», prémio simples, mas compensador pelo seu simbolismo, muitas vezes comentado ironicamente por aqueles que a única «Comenda», a que tinham direito, era a de frequência de «Lupanares» de Balcões de Bar.

Tenho um cunhado, emigrante em França, que eu visitei em Junho último. Por aquilo que me é dado

observar, não emigram aqueles que cá viviam peor, mas sim aqueles que tinham dinheiro para dar aos empregadores e que tinham a sua situação mais ou menos assegurada, porém, na voz dos «Aristocratas da Demagogia», os que emigraram fizeram-no porque, se cá ficassem, tinham morrido de fome.

No caso especial do meu cunhado, que tem uma moradia financiada pela Caixa Geral dos Depósitos em tempo do antigo regime com quem não tinha ligação alguma, nem dependência, era operário especializado com uma situação invejável, bem remunerado, figura popular e querida no seu meio. A partida para França foi considerada por todos de surpresa e loucura, mais ainda, foi de «salto» com os inerentes perigos e sacrifícios. Hoje considera que foi um erro e uma lição bastante cara.

Contactei com outros, a quem visitei em sua casa, e a impressão não foi melhor, chegando um a confessar-me que eram mais «escravos» lá do que cá, acresce ainda o comportamento em terra estranha do portuguêsinho, filho dum país de conquistadores e, portanto sujeito a tentações e quedas que reduzem no fim do mês o montante da «Paye» (ordenado) e, conduz em muitos casos ao «Mettre á la porte» (Despedimento).

RONDA POPULAR

(Continuação da 6.ª pág.)

amigo que o chorasse; apenas uma mulher negra que a ele se afeiçoou e ao mesungo (branco) vindo de longinquas paragens deu todo o seu afecto, a sua dedicação, que se prolongou para além da morte! Digam lá que o negro não tem coração!... O negro foi, em muitos casos, o maior amigo do branco desprotegido. Alguns casos conhecidos, de Intelra abnegação, que mais tarde te relatarei.

Das Necungas passei então a

Comentários

(Continuação da 6.ª pág.)

Açores e Madeira — para já... — «não» a subida do preço de gasolina

Motins selvagens acolheram a notícia da subida do preço de gasolina nos Açores. O governo regional, condenando a selvajaria, decidiu, no entanto, que se mantivessem os preços actuais, enquanto o assunto não fosse resolvido de vez.

Como dizemos noutra lugar, a subida do preço entre nós não pode justificar-se de modo algum

com o encarecimento no mercado internacional. Quer dizer, a gasolina pode, efectivamente, vender-se mais barata do que o preço agora imposto.

Será que, mais uma vez, os governos possedistas conseguem o que o do continente não consegue isto é, tornar possível ao público géneros mais baratos?

Quem estas linhas escreve comeu excelente bacalhau no último Natal, vindo da Madeira, mas vendido de cá para lá..., depois importado de lá para cá. Mesmo assim, mais barato...

Zé, correio mais caro, hein?...

Os correios deliberaram, introduzir os aumentos de transporte aéreo em duas fases «para que o público não seja tão sensivelmente afectado», começando a primeira fase no dia 1 de Fevereiro, com valor de 8\$50 para as cartas de 20 gramas, em formato normalizado, cujo destino seja o espaço europeu, à excepção de Espanha, para onde se mantém a taxa actual de 3\$00.

Acabamos por usar a rádio-amador... Ou deixamos de escrever cartas.

Vi em França emigrantes portugueses a viverem em roulotte em pleno campo, facto que levou o meu cunhado a dizer: — Estes é que juntam dinheiro!... Paralelamente tenho conhecido em Portugal muitos portugueses que, triunfaram na vida, sem precisar de tirar a outrem aquilo que muitas vezes custou a construir com muito sacrifício.

Há dias, na televisão um jovem dizia que o seu pai tinha emigrado, porque embora tendo gado em casa, às vezes queria comer um bocado de carne e não a tinha.

Esta e outras, que nós ouvimos, só como anedotas se concebem.

«Sabe-se que é mais fácil haver fome nas cidades que no campo, onde todos têm um bocado de cada coisa. Só poderá dizer o contrário quem não conhece o campo.

Para terminar, devo dizer que, em França, os emigrantes de nível social mais elevado são os Italianos, e os de mais baixa condição são os Argelinos e, entre os portugueses, em contraste com alguns vi muitos a trabalhar direitinho e a viver direito para serem úteis a si próprio, aos seus e à Pátria.

Lisboa, 15-1-1977

António de Oliveira Saldanha

Chenapamimba, onde me esperava o emprego que por fim, surgia. Tudo decorreu normalmente nos primeiros tempos, como aliás sempre acontece. O serviço de escritório terminava normalmente às seis da tarde. Foi informado pelo gerente da empresa que sempre que a mesma estivesse em laboração, o empregado de escritório teria de estar no seu posto, e muitas vezes acontecia de só poder às 9 ou 10 da noite. Horas extras, não havia. O ordenado era de 3.500\$00 e nada mais recebia. Um dia, como o Sindicato Informasse a Companhia de que teriam de pagar o abono de família, recebi um «papel» para assinar, tomando conhecimento de que passava a receber o tal abono e este era de 500\$00. Mas... verificando que, pelo descrito no tal «papel» eu era quem pagava o abono a mim próprio, pois dali em diante o meu ordenado era de 3.000\$00 «acrescido» de 500\$00 de «abono de família», protestei, dizendo que aquilo era uma farsa escandalosa e um autêntico roubo!, tendo-me dito o tal gerente, que me queixasse ao Sindicato ou à Pide!!!

Como não pretendia voltar à situação de desempregado, pois tinha mulher e filhos a sustentar em Portugal, acobardei-me, pois não tinha outro remédio. Passei depois, a trabalhar desde as 3 horas da manhã na floresta, como capataz, e das duas horas da tarde no escritório, e com a recomendação de que o expediente semanal e mensal a enviar para a Sede, na Beira, não poderia chegar ali atrasado. Era a vingança da farsa e do roubo! Começava aqui a atear-se a chama infernal que queimava pretos e brancos ao mesmo tempo.

— Devido à extensão desta carta, continuaremos no próximo número, pois o jornal é de todos e para todos.

MARÇAL

Nuno Simões

homenageado em 30 de Janeiro
em Famalicão

Artur Cupertino de Miranda, a quem o país tanto deve em dinamização económica e bancária, na qualidade de Presidente do Conselho de Administração da Fundação, que leva o seu nome, em conferência de imprensa, anunciou que ia ser recordada a memória do ilustre famalicense, Nuno Simões.

Vitorino Nemésio e Raul Rego fariam do homem extraordinário que ele foi devendo a solenidade

ser ainda enriquecida com a actualização do Orfeão Famalicense e com a inauguração da sala António Carneiro.

José Casimiro da Silva sugeriu se interessassem na comemoração a Câmara Municipal, Cantinas Escolares, Santa Casa e agremiações desportivas.

O actual presidente da câmara lembrou que conviria apresentar a «Sala Nuno Simões» (biblioteca) numa das salas da Fundação.

Respeitem-se os interesses nacionais acima de todos os outros

(Continuação da 1.ª pág.)

estes conceitos seriam oportunos na nossa época.

Cada qual pense como quiser; quanto a nós, não há duas hipóteses: ou trabalhamos todos até que a indecisa madrugada se volva em dia de sol redentor, ou tudo acaba num desespero de morte.

Vamos, pois, a defender a nossa Mãe-Pátria, cada qual com os meios de que dispõe e com o ardente amor nacional, que ainda é lícito esperar dos portugueses que não foram contaminados pelo veneno importado para matar a Nação.

Os que têm o dever de mandar que o façam com justiça e amor pátrio e nós, aqueles que temos o encargo de obedecer, não hesitemos em cumprir, com os olhos postos no interesse Nacional.

Acabem os perturbadores da ordem e seus incitadores e dediquem-se afincadamente ao trabalho, para aumentar a riqueza do País.

Haja garantia total para que sejam possíveis e naturais os investimentos que permitam o desenvolvimento da indústria, do comércio e da agricultura. Restabeleçam a harmonia entre o capital e o trabalho, sem o que, o capital pouco vale e o trabalho ainda menos.

Considerem-se, sem favor, os patrões como patrões e os empregados como empregados. Acabem com a terrível luta de classes, que não conduz a parte nenhuma e que é de tão funestas consequências, como se tem verificado.

Todos não somos demais para restaurar Portugal, logo não nos

podemos dividir nem esbanjar esforços.

Que voluntariamente seja pago a quem trabalha o justo valor do seu esforço e que sejam reconhecidas e consideradas as possibilidades de quem lhes têm de pagar.

Sejamos colaboradores uns dos outros e nunca adversários em lutas permanentes. Não seja permitido reivindicar a LUA, a quem não a pode dar. Sejamos normais e cidadãos portugueses, acima de tudo.

Respeitem-se os quadros e dirigentes e não se entreguem direcções de elevado apreço a dirigentes da ocasião, incapazes de fazer progredir empresas, porque isso seria a mesma coisa que mandar um sapateiro tocar rabeção, do que resultaria o tocar mal e dar cabo das cordas todas.

O que sucederia se fossem atirados doidamente para a terra, endurecida e bravia, comida de urtigas e escalracho, o trigo que veio do celeiro, perfeitamente são e cuidadosamente escolhido? Vingaria a urtiga, venceria o escalracho e a semente apodrecida ou mirrada, serviria de estrume, com que melhor se alimentassem aservas daninhas, ou de repasto de engorda aos vermes e às toupeiras.

Pois, em nosso entender, será este o destino das «sementeiras» que se vem fazendo, numa alienação absoluta, ou quasi, pelos interesses de Portugal, e no entanto é esta a nossa Mãe-Pátria, que deve merecer o nosso mais profundo respeito e veneração.

«Viageiro»

Ao fechar da página Jimmy Carter na Casa Branca

Após renhidas eleições, Jimmy Carter venceu Ford, e no passado dia 20 entrou na Casa Branca, para governar, durante quatro anos, os Estados Unidos da América.

Carter foi eleito no ano em que a sua Pátria celebrava o bi-centenário de existência política.

Esta circunstância leva-nos a entrar um pouco no que os Americanos desejam do seu Presidente: que os Estados Unidos regressem à pureza democrática de há dois séculos.

E Carter parece ter compreendido este anseio do povo Norte-Americano, pois em declarações ao «Paris-Match», de 13 de Novembro, afirmou: «Penso que jamais poderia ter a mesma atitude de Johnson e de Nixon — mentir, e deformar a verdade».

A democracia exige a verdade, a sinceridade, a franqueza.

No plano interno deverá Carter reconstituir esta realidade política, abalada com o escândalo Watergate.

Esta mesma impressão no-la deixou a entrevista citada, na qual Jimmy Carter diz, referindo-se à Europa: «A melhor forma de combater a influência totalitária é vigiar pelo bom funcionamento das democracias». E acrescenta: «Na Itália, os comunistas ganharam terreno, sobretudo nas eleições municipais, porque os democratas cristãos se desautorizaram devido à corrupção».

Se estas palavras forem cumpridas na acção política, temos de concluir que Carter deseja para a democracia Norte-Americana, e para as demais democracias, a pureza e, portanto, a honestidade que as devem caracterizar.

Ascende Jimmy Carter ao poder supremo, quando o mundo exige presença, diálogo, austeridade e trabalho.

Jimmy Carter defende a «consulta mútua e o partilhar das responsabilidades». Estará, pois, presente. E neste sentido deveremos interpretar os convites já feitos aos Presidentes de Governo, da Grã-Bretanha, da República Federal da Alemanha e do Japão, bem como a Giscard d'Estaing, Presidente da República de França, para conversações. Quanto ao diálogo é peremptório até em relação aos países comunistas: «Precisei na devida altura, nos meus discursos, que em referência aos dirigentes comunistas de países como Itália, França e Portugal, eu não fecharei a porta nem quebrarei os laços de comunicação, de consulta e de ami-

zade! Seria lançá-los automaticamente na esfera da influência Soviética. Penso igualmente que devemos manter a possibilidade para os países da Europa Oriental, até os que são totalmente comunistas, de ter com eles relações comerciais, culturais e turísticas a fim de lhes oferecer uma outra oportunidade que não seja a plena dominação da União Soviética».

Com esta linguagem Carter repete Kennedy, quando ascendeu à Casa Branca, e que no dia de posse afirmou ser indispensável forçar a barreira que isolava a Rússia do Mundo.

Que reviravoltas se operaram na Rússia depois dessa ofensiva de Kennedy! Se muitos pensam que a coexistência resultante dessa política prejudicou os Estados Unidos, não é menos verdade que os dissidentes soviéticos são os arautos da reacção anti-totalitária soviética, e os melhores denunciadores da tirania moscovita.

Não se receie, porém, que os Estados Unidos vão ceder perante a Rússia.

Há dois pontos essenciais da política Norte-Americana:

1. a garantia da sua capacidade de independência e supremacia militar; e
2. a comercialização da sua actividade económica.

Enquanto esta não estiver em perigo, os Estados Unidos suportam as provocações políticas, que se esforçam por conter, no momento oportuno, com o seu potencial bélico.

Ora é sintomático que Ford, no discurso de despedida ao Congresso, recomendasse que se não descursasse o rearmamento. Não menos sintomático é o facto de Carter ter-se encontrado com os militares responsáveis da defesa dos Estados Unidos para se intelir das realidades.

Ford aconselhou a manutenção de uma defesa forte e pediu ao sucessor e ao Congresso que não reduzissem o orçamento de defesa...

Parece-nos, pois, que Ford e Carter, como todos os Norte-Americanos se entendem quanto à defesa militar dos Estados Unidos. E também se entendem quanto à comercialização da economia. É que os Estados Unidos podem considerar-se o único país do mundo economicamente independente.

E são estas duas forças — a militar e a económica — que os Norte-Americanos têm como basilares para a sua sobrevivência como Grande potência mundial.

JÚLIO VAZ

Lemos e comentamos Amália, em 10 minutos, 77 contos...

«Diário de Lisboa» de 18-1-77, escreve:

«Fonte de confiança assegura-nos que a RTP assinou com a

conhecida fadista Amália Rodrigues, um contrato para apresentação de seis programas, devendo a TV pagar por uma hora e 10 minutos (duração prevista dos 6 programas) a quantia de 446 200\$. Ou seja: por cada programa, de cerca de 10 minutos, Amália Rodrigues receberá da RTP a quantia de 77 mil escudos.

Aliás, já recebeu — dizem-nos que em Novembro passado — 220264\$, faltando apenas 245936\$ que deverão ser pagos até final de Março próximo. Um bom contrato, não há dúvida. Asseguramos ainda que, se não fosse o «clima de austeridade» reinante no Lumiar, a ilustre cantadeira seria certamente melhor compensada.»

Que, nos países capitalistas — ou fascistas — Amália recebesse

essa quantia e, portanto, fosse criticada, vá lá, mas que se critique o facto só porque ocorre em Portugal e não na Rússia, por exemplo, é que não compreendemos. É que, na Rússia, é assim que pagam aos artistas. Aos trabalhadores, não.

Ainda se Amália pagasse 90% do que recebesse em impostos como acontece nos tais países, exploradores do povo, industrializados ou soviéticos-democratas, mas certamente que não.

Bem, talvez seja nisto — em receber muita e pagar pouco ou nada de impostos, assim como na diferença de abismo entre os ordenados, uns cada vez mais ricos, outros cada vez mais pobres — talvez seja nisto que reside a originalidade do nosso socialismo.

O Cávado

Director:

Eng.º Armando António Correia

Proprietário:

Dr. João Bernardino Amândio

Coordenador:

Dr. Carlos Nuno Salgado Vaz

Redacção e Administração: Rua dos Chãos, 90-2.º Trás — Telef. 25284/27065/27066 (p. f.) — BRAGA

Composto e impresso na Livraria Editora Pax — Rua do Souto, 75 — BRAGA